NOVOS FILMES

Bete Mendes.

OS AMANTES DA CHUVA

Fortes chuvas, há vários dias, caem de surpresa sobre a cidade de São Paulo, contrariando todas as previsões meteorológicas. Um repórter acaba atribuindo o fenômeno a um casal de namorados (Helber Rangel e Bete Mendes) que, a cada encontro, provocam uma súbita mudança no tempo: o céu azul se transforma repentinamente em nuvens negras e logo desaba um temporal.

Ante as repetições do fato, uma emissora de televisão resolve dar crédito ao repórter que descobriu o tal casal de namorados. Estes não acreditam que tenham o estranho poder, mas são persuadidos pelo repórter, pela emissora de tevê e pela agência de publicidade que tem a conta de um famoso produto antigripal. Os dois namorados vêem no caso a oportunidade de ganhar um bom dinheiro para começar vida nova. Aceitam então ser as atrações de um programa de televisão chamado *Os Amantes da Chuva.*

Aos poucos são absorvidos pela máquina da televisão e da propaganda. O contrato de trabalho exige que eles permaneçam quase sempre afastados um do outro, pois a cada encontro que mantêm se comprova que de fato parecem ser eles os causadores dos terríveis aguaceiros e conseqüentes inundações. O afastamento começa a provocar atritos entre os dois namorados, que se acentuam à medida que são cada vez mais manipulados pelos meios de comunicação. Os abraços e os beijos que trocam não são mais sinceros como antes. E começa a ocorrer o seguinte: a cada encontro, demora mais a chover.

Coincidência ou não, a situação vai se modificando até atingir o clímax: um diante do outro sem que o céu se altere, sem que caia uma única gota d'água. Os organizadores do programa entram em pânico, porque agora passaram a cair temporais precisamente quando o casal está afastado, provocando um clima de revolta na população.

Os dois namorados decidem largar tudo, romper o contrato e partir juntos da cidade. São, entretanto, procurados pelo repórter que os havia descoberto e que quer por força convencê-los a participar de um último grande espetáculo de *Os Amantes da Chuva*. A recusa dos dois provoca um clima de conflito e perseguição que termina em tragédia.

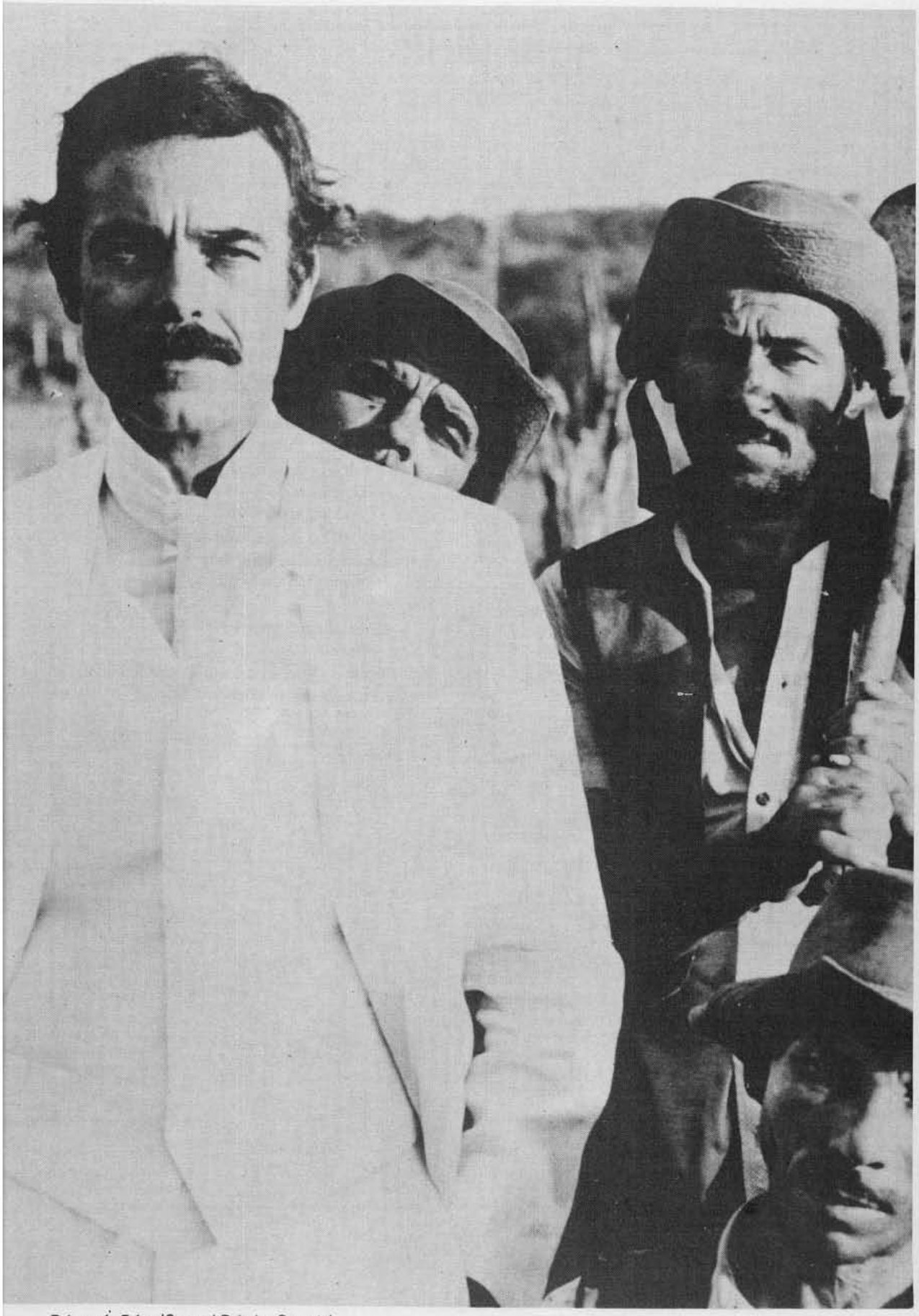
Direção: Roberto Santos. *Argumento* e *roteiro:* Carlos Queiróz Telles e Roberto Santos. *Fotografia:* Zetas Malzoni. *Cenografia:* Marcos Weinstock. *Montagem:* Eduardo Leone. *Diretor de produção:* Haydée Virgínia. *Elenco:* Helber Rangel (Antônio), Bete Mendes (Isabel), Lilian Lemmertz (Sandra), David José (Marcos), Zanoni Ferrite, Beatriz Segall, Walter Marins, Áurea Campos, Liana Duval, Xandó Baptista, Delamo, Líbero Rípoli, Manfredo Bahia. *Produção:* Oca Cinematográfica Ltda. Brasil, 1978.

CORONEL DELMIRO GOUVEIA

Em fins do século passado, Delmiro Gouveia (Rubens de Falco), rico comerciante e exportador do Recife, sofre perseguições políticas. Seu estilo arrojado e aventureiro lança contra ele muitos inimigos, inclusive o Governador do Estado de Pernambuco, que manda incendiar o grande mercado do Derby, recém-construído por Delmiro Gouveia. Falido e perseguido pela polícia do Governador, ele se refugia no sertão, sob a proteção do Coronel Ulisses Luna (Jofre Soares), levando consigo uma enteada do Governador (Sura Berditchevsky).

No sertão, Delmiro Gouveia reinicia sua atividade de exportador de couros, e monta uma fábrica de linhas de costura, aproveitando a energia elétrica de uma usina que constrói na cachoeira de Paulo Afonso e o algodão herbáceo nativo na região. A Grande Guerra de 1914, impedindo a chegada dos produtos ingleses à

Helber Rangel e **Bete Mendes** (Os Amantes da Chuva).



Rubens de Falco (Coronel Delmiro Gouveia).

América do Sul, garante a Delmiro a conquista desse mercado, sobretudo do brasileiro. Os ingleses da Machine Cottons, ex-senhores absolutos do mercado, enviam um emissário (Denis Bourke) para negociar a situação. Delmiro Gouveia se recusa a vender a fábrica ou a se associar. É assassinado a 10 de outubro de 1917.

Alguns anos mais tarde, em 1929, a fábrica é adquirida pelos ingleses, destruída e suas peças lançadas nas águas da cachoeira de Paulo Afonso.

Direção: Geraldo Sarno. *Argumento, roteiro* e *diálogos:* Geraldo Sarno e Orlando Senna. *Fotografia:* Lauro Escorel. *Cenograria* e *figurino:* Anísio Medeiros. *Montagem:* Amauri Alves. *Música:* J. Lins. *Som:* Walter Goulart. *Diretor de produção:* Marco Altberg. *Produtor associado:* Thomaz Farkas. *Elenco:* Rubens de Falco (Delmiro Gouveia), Nildo Parente (Lionello Iona), Jofre Soares (Coronel Ulisses Luna), Sura Berditchevsky (Eulina), José Dumont (Zé Pó), Isabel Ribeiro (Anunciata), Magalhães Graça (Gov. Dantas Ribeiro), Conceição Senna (mulher de Zé Pó), Álvaro Freire (Tenente Isidoro), Maria Alves (Jove), Denis Bourke (Mr. Hallan), Harildo Deda (Coronel Zé Rodrigues). *Produção:* Saruê Filmes Ltda. e Embrafilme. *Distribuição:* Embrafilme. Brasil, 1978.

O DESCONHECIDO

Por estrada deserta, sob chuva forte, um homem caminha lento, cansado, com pesadas botas, maleta à mão, chale entrecobrindo o rosto, meio ofegante.

Para onde vai? De onde vem?

Ruídos das rodas de uma *calèche* o despertam desse estado meio sonolento de caminhada. Com seus gestos faz parar a *calèche* e o cocheiro lhe indaga grosseiro:

— Que diabo quer você?

— Procuro uma fazenda, parece que lá precisam de um empregado.

— Que fazenda?

— A dos Cata-Ventos.

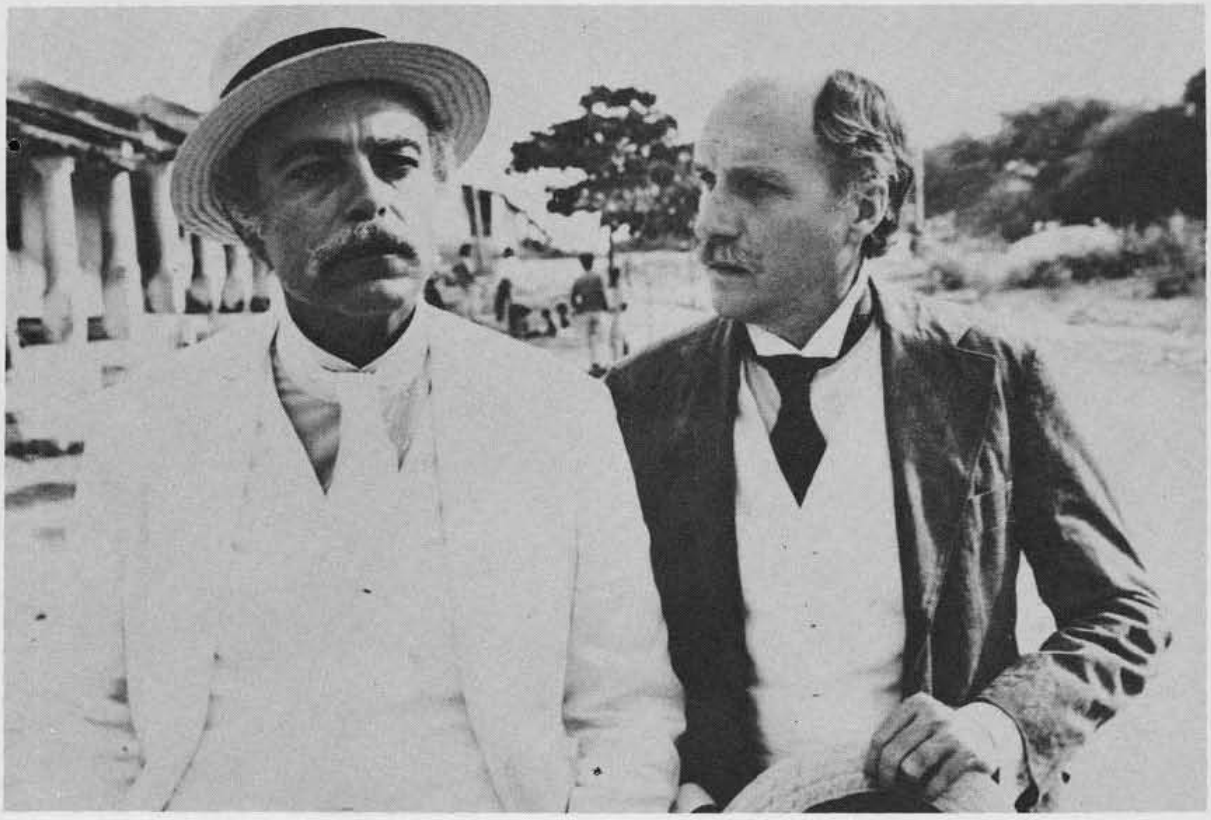
De dentro da *calèche* uma voz feminina, metálica e artificial, interfere:

— Quem lhe disse que lá precisam de empregado?

— Li um anúncio no jornal.

— Suba.

Segue a *calèche* estrada a fora, levando os três personagens: o cocheiro Miguel, o desco-



Rubens de Falco e Nildo Parente (Coronel Delmiro Gouveia).

Luís Linhares e Sônia Oiticica (O Desconhecido).

nhecido em busca de emprego e Aurélia, a proprietária da fazenda Cata-Ventos.

Em seus curtos diálogos, Aurélia denuncia desde logo seu tom autoritário.

— Ainda não perguntei o seu nome. Como se chama? — E dando uma risada:

— Não, não fale. Na minha casa as pessoas têm o nome que eu quero. A minha memória é má, guardo dificilmente os nomes. — E hesitando, conclui:

— O último que esteve na minha casa se chamava José Roberto. De agora em diante, será este o seu nome.

Chegando à fazenda, José Roberto é apresentado a Elisa, espécie de governanta, cozinheira, copeira, única criada interna do casarão.

Elisa, incumbida de levar José Roberto a seus toscos aposentos, deixa transparecer que a vida ali é estranha e que José Roberto deve se acautelar.

Em quarto, entre objetos sem mais uso, sacos de colheita — antiga senzala — vai residir o desconhecido, dividindo o aposento, já pequeno, com Paulo, rapaz encarregado das hortas e da venda das hortaliças no povoado.

À noite da chegada, enquanto trocam as primeiras palavras, são os dois despertados por passos abafados. Pressentem a chegada de alguém e se escondem entre os sacos.

Aurélia e Elisa sobem sorrateiramente os degraus e, pensando estarem os dois ainda no jardim, enquanto Elisa, obedecendo ordens, ilumina o cômodo, Aurélia revista a mala do desconhecido, na esperança de encontrar algo que o identifique. Livros, só livros, algumas poucas roupas contém a mala.

Tão logo as duas saem, ilumina-se a fisionomia de Paulo. Seu companheiro tem livros, romances, muitos livros. Seu companheiro lê, sabe ler, deve saber ensinar alguém a ler.

O diálogo entre os dois é o início de uma amizade que aos poucos se fará profunda. Paulo, impressionado pela sabedoria de seu companheiro. José Roberto, sensibilizado por alguém ávido de ler, puro em sua rudeza de rapaz do campo.

Iniciam-se, à noite, após os duros trabalhos do dia, as aulas entre os dois. Paulo aprende. José Roberto ensina-lhe a ler, a entender da terra, dos astros.

Nessa solidão, as noites são o encontro do amigo. Paulo é o interlocutor sensível que José Roberto descobre, o ser que por suas mãos cresce.

A vida na fazenda vai aos poucos lhe sendo clara. Elisa viera com o marido e a filhinha trabalhar na fazenda. O marido, apanhado roubando a velha, fora assassinado misteriosamente, e Elisa obrigada a trabalhar como escrava para pagar o roubo.

A filha de Elisa, Nina, agora adolescente, cresce na fazenda, linda, maravilhosa, despertando, sem perceber, desejos e interesse em todos, e em Aurélia, um ódio terrível, já que nada a leva a competir com a menina, nem em idade, nem em beleza.

Criada, desde cedo, perto de Paulo, nasce entre os dois uma amizade que, de infantil, se transforma em amor romântico e terno. Amor às escondidas, amor entre flores, no campo, no riacho. Amor, às vezes, visto de longe por Elisa, que se comove e se preocupa. Visto por Aurélia, que mais ainda passa a odiar esse corpo jovem, sadio e lindo, como o seu jamais será. Visto por José Roberto, que pressente perder o amigo, que julgava só seu.

Aurélia, não suportando seu ódio neurótico, faz Elisa levar de casa a menina, para bem longe. Elisa entrega, às escondidas, Nina aos cuidados do padre vigário, que a educa e cria.

De quando em vez, Elisa vai ver a filha e, com o tempo, coloca José Roberto a par de sua história e a par das intenções de Aurélia para com todos os empregados homens — ser amada, pagando.

Miguel, o cocheiro, é no momento o homem de Aurélia, de quem ele se aproveita obtendo dinheiro e de quem Aurélia já está cansada.

Com a chegada de José Roberto, Aurélia se insinua e lhe propõe claramente amor, o que mais tarde virá a acontecer.

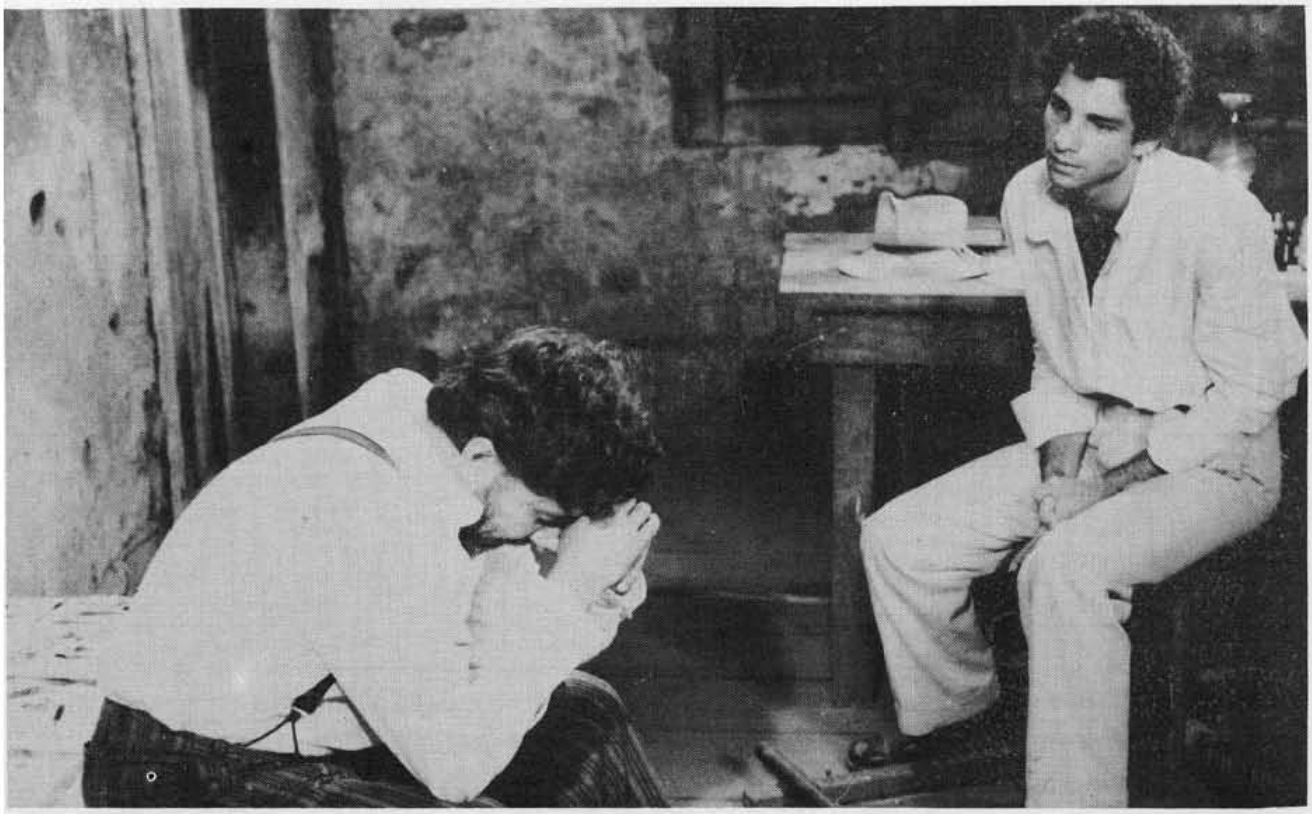
Em suas tentativas de envolver José Roberto, Aurélia o convida para uma ida ao povoado. Param na igreja e de fora José Roberto ouve o diálogo cortante entre Aurélia e o padre, com a descoberta de que Nina é educada por ele.

O pároco põe à clara os problemas, o interior da alma de Aurélia, que, furiosa, se retira.

De volta, Miguel conduz os dois à fazenda e, percebendo o interesse crescente de Aurélia por José Roberto, faz-lhe ver que corre perigo, que outros, que o mesmo interesse despertaram, tiveram fim trágico.

Trava-se entre os dois violenta discussão, entrecortada pelo uivo dos cães de caça, que, dia a dia, são aguçados por Miguel, que lhes nega comida e os incita a, soltos, tudo devorar.

Inicia-se na mente de José Roberto um plano de deixar a fazenda. Elisa lhe oferece dinheiro, dinheiro que Aurélia, há pouco, lhe dera para que sumisse com Nina das redondezas, mas jamais ninguém a faria viver longe da menina.



Luís Linhares e Marcos Alvisi.

José Roberto planeja fugir, levando Paulo, seu amigo, para longe, onde possa viver e continuar a ensinar a Paulo.

Seus pensamentos são entrecortados com a chegada de Paulo que, posto a par das intenções de Aurélia para com Nina, propõe a José Roberto ajudá-lo na fuga. Ele e Nina viverão juntos, bem longe dali, se José Roberto lhe emprestar algum dinheiro.

A perspectiva de separação do amigo, assim tão inesperada, transtorna por completo sentimentos e mente de José Roberto que, fora totalmente de si, mata com violência o amigo e joga seu corpo às rodas do moinho.

Percebendo o que fez, José Roberto foge pela mata. Na fazenda, o moinho gira lento, agora balançando ao vento um trapo da camisa de Paulo.

Elisa, na cozinha, prepara tudo para fugir. Lá fora os cães uivam.

O dia amanhece. Rastros denunciam que os cães se incumbiram de Miguel. Aurélia dorme. Que será de seu despertar?

No campo, em local combinado, linda e terna, cheia de esperança, Nina aguarda a chegada de Paulo para a fuga.

Aparece-lhe um homem cansado, meio ferido, cambaleante, envolvido num chale, mala à mão.

Nina indaga-lhe se conhece Paulo, conta-lhe seu romance e seus planos e percebe que o desconhecido também vem da fazenda e que algo estranho lhe acontecera e a Paulo.

Estática, sem saber o que mais pensar, caminha, levando como um autômato esse homem ao padre.

Na igreja, ouve-se apenas:

— Padre, matei um homem!

O dia morre e da porta da igreja, visualizando a estrada, um homem caminha. Sua imagem vai aos poucos se distanciando na estrada até se tornar um ponto no caminho.

Direção: Ruy Santos. Baseado no romance *O Desconhecido,* de Lúcio Cardoso. *Adaptação:* Marcos Konder Reis. *Roteiro:* Ruy Santos e Marcos Konder Reis. *Fotografia:* Ruy Santos. *Cenografia* e *figurino:* Paulo Chada. *Montagem:* Manoel de Oliveira. *Música:* Aírton Barbosa (executada pelo Quinteto Villa Lobos; solos de piano por Murilo Santos). *Elenco:* Luís Linhares (José Roberto), Isolda Cresta (Aurélia), Sônia Oiticica (Elisa), Marcos Alvisi (Paulo), Ruy Resende (Miguel), Ângela Valério (Nina), Manfredo Colassanti (Padre). *Produção:* Scorpius Produções Cinematográficas. *Distribuição:* Embrafilme. Brasil, 1977.